LA MORADA DEL TIEMPO

FOTOS : VITO D'ALESSIO
TEXTO : DIEGO ESCOLAR

ELEVADORES ATLAS
VILLARES

PARA O AMIGO GELSON,

COM O CARINHO DE
TODO O APOIO.

UM ABRAÇO
VITO D'ALESSIO

Muchas gracias por
el equipamiento que salvó
la vida de Vito.
DEY

FOTOS : VITO D'ALESSIO
TEXTO : DIEGO ESCOLAR

A Villares na "Expedição Morrillos"

O projeto "Expedição Morrillos" teve nosso apoio, desde o início, devido a características que remetem ao início das atividades de nossa empresa no Brasil: um projeto ousado e pioneiro.

O desafio e o gosto por descobertas são outras semelhanças que encontramos neste grupo expedicionário que, como nós, trilhou novos caminhos superando adversidades e realizando um grande e gratificante trabalho.

Participar deste projeto nos trouxe, ainda, o orgulho de podermos contribuir na integração da América do Sul - sobretudo - entre Brasil e Argentina, através do conhecimento de raízes e história: a cultura de Morrillos.

Plínio V. Musetti
Vice Presidente de Operações
Indústrias Villares SA - Elevadores Atlas

INTRODUÇÃO

O projeto nasceu de diversas conversas com o amigo e antropólogo argentino Diego Escolar. Conversas que contavam sobre a descoberta recente, na região dos Andes argentinos, de sítios arqueológicos que poderiam questionar as teorias do movimento populacional do continente sul americano.

A curiosidade científica, aliada ao "faro" jornalístico levaram à necessidade de ir mais fundo nesta descoberta, de ver de perto as marcas deixadas por uma cultura que habitou a região 8 mil anos antes da chegada dos incas: a cultura de "Morrillos".

A partir de informações obtidas junto ao arqueólogo Mariano Gambier, pesquisador e professor da Universidade Nacional de San Juan, organizou-se a Expedição Morrillos.

Médico, cientistas, fotógrafo, cineagrafista e baqueanos (os guias) saíram em busca de indícios e aspectos da cultura dessa comunidade de hábitos sazonais singulares que foi capaz de adaptar-se à aridez do deserto de Calingasta e, ao mesmo tempo, ao frio implacável da área da cordilheira conhecida por Teto das Américas.

A cultura de Morrillos, semi-nômade e basicamente recoletora e caçadora, imprimiu sua história em rochas e cavernas, espalhando por todo o vale petroglífos surpreendentes. Uma cultura que não desapareceu por completo; teve continuidade na miscigenação com as culturas que a sucederam.

A expedição Morrillos partiu do pequeno povoado de Barreal, localizado próximo à divisa com o Chile e aos pés dos picos mais altos das Américas, e cruzou a cavalo o deserto de Calingasta e os Andes argentinos.

Cavalos mestiços da raça Crioula e mulas levaram as caravanas por entre a aridez do deserto e a neve dos altos da cordilheira. Eles são o único meio de transporte capaz de trafegar por aqueles caminhos. Andando sempre a passo, esses animais desafiam escarpas rodeadas por desfiladeiros de centenas de metros de altura, com equilíbrio impressionante. Além disso, suportam bravamente todas as varicações climáticas da região: o ar seco e rarefeito, e o frio impiedoso que impossibilitam a chegada de qualquer veículo ao alto das montanhas.

A expedição Morrillos foi pioneira. Foram duas viagens, mais de 20 dias no alto da cordilheira e um ano de trabalho e descobertas. Um projeto de integração Brasil e Argentina que resultou em imagens e informações marcantes que documentam, com seriedade, uma busca que, de uma forma ou de outra, diz respeito à nossa própria história.

02.

VITO D'ALESSIO
COORDENADOR

" LA MORADA DEL TIEMPO "

Diego Escolar

Aqui, na província de San Juan, a visão que temos dos Andes é a de vários conglomerados; nitidamente, a cordilheira frontal se diferencia dos outros cordões montanhosos, como os que circundam o vale de Calingasta pelo oriente.No meio desta extensa área de planície, podemos visualizar sem qualquer interferência a região mais alta do continente, o Teto das Américas.

O Teto das Américas, uma visão que deslumbra. São mais de 300 quilômetros de cordilheira. Em cada pico, um nome que guarda histórias, lendas, mistérios e magia. São mais de 300 quilômetros de horizonte com alturas constantes que variam de cinco a cerca de sete mil metros. Horizonte pontuado pelo Aconcágua e Mercedário, pelo Polaco, Alma Negra, La Cadena de la Ramada e Los Siete Picos de Ansilta, La Totora. Uma região edificada por antigas culturas e sangrentos conflitos protagonizados por exércitos, mineiros, carregadores, assassinos e contrabandistas.

"El Gaucho Donoso" foi um desses protagonistas. Viveu no século passado e fez nome pelos crimes bárbaros que cometeu. Sua preferência era sequestrar belas moças e levá-las para seu esconderijo, cravado no coração dos Andes. Com alimentos armazenados previamente, passavam ali quase um ano inteiro, encerrados pela neve. Quando a primavera começava a derreter o gelo, a pobre refém invariavelmente terminava no fundo do rio Blanco, degolada e com a barriga prenha cheia de pedras. O esconderijo de El Gaucho Donoso não poderia ser revelado jamais; afinal, era lá que repousava seu tesouro, obtido em assassinatos e roubos às caravanas. Hoje, a cordilheira que abrigou Donoso, sua história, seus crimes e sua riqueza, leva o nome de La Fortuna.

Desde o século XVII os Andes foram, ao mesmo tempo, barreira e ponte para o intercâmbio entre o Chile e os estados das regiões de Cuyo, na Argentina. Por suas passagens se transportava o gado, em geral clandestinamente. A chegada era incerta; além da adversidade climática, que permitia o cruzamento das cordilheiras somente nos meses mais quentes, os precipícios são poucos confiáveis para a passagem de grandes rebanhos, que às vezes ultrapassavam a 10 mil cabeças. Não raro, o gado se dispersava e fugia. Esses detalhes aumentam a admiração por um "mito" que enfrentou todas as adversidades.

Falamos do general San Martin, o libertador da Argentina, Chile e Peru. Conta a história que San Martin desafiou os Andes e com coragem e atrevimento conseguiu surpreender as tropas espanholas estacionadas no Chile, depois de atravessar a cordilheira por lugares considerados inacessíveis, levando mil homens, animais e canhões.

Esses, e muitos outros, deixaram suas pegadas nesse cenário; porém a cordilheira impassível por sobre os homens continua sendo a única protagonista.

"LOS MORRILLOS"

Los Morrillos são duas elevações que se localizam no limite de onde se pode chegar no inverno. Alí, em uma série de grutas cravadas em uma imponente cantoneira de rocha vermelha, aconteceu uma das mais valiosas descobertas da pré-história americana.

Há algumas décadas, "baqueanos" observaram indícios de atividade humana no passado daquele lugar. Indícios presentes em pinturas rupestres, petrogrífos e pontas de flechas, Logo a história se espalhou.

Baseado nestes testemunhos, o arqueólogo sanjuanino Mariano Gambier reuniu uma equipe, visitou o lugar e descobriu um sítio singular. O cenário que encontrou indicava que aquelas grutas haviam sido um centro de cerimônias. Desde os adornos da entrada, restos de pigmentos e corantes desenhavam símbolos diferentes. Ao escavar o piso das cavernas, a primeira grande surpresa: um cadáver mumificado naturalmente pela simbiose de extrema secura, a proteção da gruta e o solo de acidez neutra; condições ótimas para a conservação.

Primeiro, o cadáver de um homem envolto em peles e sepultado com seus amuletos e armas de caça. Logo, mais múmias: homens, mulheres e bebês em seus berços. Gente que viveu na região entre os anos 6 mil e 2 mil antes de Cristo. Restos de sucessivos povos da pré-história que, durante quase mil anos, escolheram aquela área imensa para enterrar os seus mortos.

A TRAVESSIA

Desde a primeira visita a Los Morrillos havíamos nos impressionado com seu primitivismo. Uma energia que, irremediavelmente, envolve as pessoas com a força de um mito povoado de sinais e vozes, da fumaça de milhões de fogueiras, de caçadas e tumbas.

Cavalgamos em uma gigantesca falha geológica; nossa caravana é uma sociedade microscópica de homens e animais. A viagem em si exige uma espécie de peregrinação: o manejo dos animais, a sobrevivência e os riscos constantes são o passaporte para outro universo onde renascemos em sensações já extintas.

Somos testemunhas permanentes. Não há intimidade nem proteção quando a cena invade os homens. Sempre à frente, Los Morrillos é nossa Meca; seus dois picos se assemelham aos minaretes de uma grande mesquita talhada no gelo.

As mulas carregam todo o necessário para a expedição, principalmente abrigo e comida. O alimento dos animais também é parte da càrga; não haverá regiões com pasto verde em nosso caminho, apenas campos de neve.

Sabemos que neste inverno as tormentas de neve têm coberto a área de Los Morrillos; para alguns, é loucura viajar nessa época. Devemos enfrentar temperaturas próximas aos 25 graus negativos, e rezar para que não desabe nenhuma nova tormenta.

Cada quilômetro conquistado é um ato terminado. Somos o espetáculo; o céu, o deserto e a montanha, o público indiferente. As horas de marcha nesse anfiteatro silencioso propicia ao cavaleiro reflexões mais profundas

A travessia é uma viagem para dentro de nós mesmos. Por outro lado, o esforço coletivo diante das dificuldades impõe o espírito de camaradagem; violência e hostilidade não têm lugar. A amizade se reforça a cada momento e, à noite, o fogo, o vinho e a comida a cristalizam. Surpreendentemente o corpo se habitua às dores e desconfortos.

Os cavalos e as mulas ladeiam rios e escalam montanhas tão escarpadas que até um montanhista hesitaria em percorrer; basta proporcionar água, pasto e ferraduras que eles levam cavaleiros e cargas durante meses. Esses animais suportam temperaturas de 25 graus negativos com pouca comida e marchas durante o dia inteiro.

Mas, um cavalo que não tenha sido criado nesse território tem seu acesso vetado: se esgotará, cairá, quebrará o tornozelo, não suportará o frio. Tormentas e tipo de alimento, tudo conspira. Mas, quando adaptados à região, são os verdadeiros heróis.

Nossa sobrevivência está depositada em seus dorsos sulcados de cicatrizes onde, por vezes, devido a uma sela mal adaptada se formam feridas que, inapelavelmente receberão, por cima dos curativos, a mesma sela no dia seguinte. É surpreendente a convivência com esses animais.

O BAQUEANO, UM SOBREVIVENTE

Outra noite, acampados em uma "vega", uma espécie de oásis com água e pastos, os cavalos e as mulas tiveram suas patas dianteiras atadas com tiras de couro. Este é um costume dos "baqueanos" que permite aos animais pastarem livremente à noite, sem se afastarem do acampamento. Porém, ao despertarmos o panorama era desolador: as montarias haviam fugido saltando, mesmo com as patas atadas.

Estávamos rodeados pelo labirinto que envolve o pico do Mercedario e nem imaginávamos qual a direção que os fugitivos tomaram. Sem pronunciar uma só palavra, o baqueano tomou mate, pegou suas mantas e se foi para as montanhas. À tarde, os cavalos apareceram por cima de uns picos distantes. Os animais, com sua capacidade de ler os sinais do solo, mais a intuição, haviam fugido em direção a uma vega distante. Nosso guia sabia disso.

O "baqueano" da cordilheira dos andes ainda vive imerso nas tradições do gaúcho argentino. É um sobrevivente. Suas raízes vêm dos índios. Dizem as crônicas que, desde a época da colonização espanhola, os índios eram utilizados para guiar rebanhos de gado em sua travessia para o Chile. Indispensáveis, porque conheciam os segredos da montanha, e pouco dispendiosos, porque não tinham opção, eram recrutados pela "encomienda", a instituição colonizadora espanhola, para acompanhar os capatazes, que tinham o poder de vida e morte sobre eles.

Daí pra frente, a história habitual: os índios continuaram como guias e carregadores, aprendendo o trato do gado. No entanto, logo deixaram de exisitir ao adquirirem os usos e parte do sangue do conquistador, usando nomes espanhóis, construindo casas, tomando vinho, adotando selas. O guia se transformou no "baqueano" de hoje.

De repente, o vejo cavalgando a meu lado. Suas roupas estão rotas e, à noite, dormirá na intempérie, em meio à neve. A sela, formada por vários mantos e peles de ovelha é a sua cama, como ensina a tradição. Não fala nunca; apenas escuta e vê. O costume faz com que esteja sempre em alerta; observando ao longe, buscando guanacos.

As "boleadoras", três cordas de couro com pedras nos extremos, não são um adorno. Sei que em outras circunstâncias caçaria, por necessidade. Na luta natural da sobrevivência, em que vence o mais forte, rapidamente se aproximaria do guanaco e lançaria as "boleadoras" em seu pescoço, com extrema precisão. Imediatamente a corrida do animal se converteria em triste queda. A faca faria o resto.

FLUTUANDO SOBRE A NEVE

"Los Morrillos", estão perto, mas é tarde e devemos acampar,nosso acampamento está localizado na Punta del Agua. Existe uma nascente congelada sobre o local por onde passamos ontem, sem nos darmos conta. Seu curso nasce nas encostas da cordilheira de Ansilta, chega até aqui e, em seguida submerge na Meseta; tem água o ano inteiro, ainda que sobre o gelo. Por isso foi eleito pelos índios.

Encontramos um "mortero" e "conanas" esculpidos em pedra, são espécies de pilões e moendas utilizados para triturar grãos e pigmentos. Pertenceram à última fase de povoamento da região, a chamada cultura de Ansilta, que já praticava a agricultura, a partir de 2 mil anos antes de Cristo.

Há também restos de canais. Nossa fogueira é armada em uma "pirca", uma construção de pedra mais antiga ainda. Antes da população de Ansilta, a região foi ocupada pela cultura de Morrillos, de caçadores e recoletores, a 8 mil anos antes de Cristo, sucedendo a Cultura de La Fortuna.

Voltamos à marcha em meio ao caos de cargas e animais. Com sede, procuramos vãos no gelo; à noite nossa água congelava, mesmo guardada dentro das barracas, devido à temperatura de 22 graus negativos. Pergunto a mim mesmo: como os animais resistem?

Flutuando sobre a neve, os cascos se amortecem em um murmúrio surdo, como naves e aves que viajam em silêncio. De um momento para outro se afunda até a barriga dos animais. A força dos cavalos e mulas nos leva à frente.

03

04.

05.

06.

07

08.

09.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

21.

22.

16.

17.

18.

19.

20.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29

30

31

32

Fotografia e vídeo, tão importantes na proposta do projeto, encontram nas circuntâncias o seu principal obstáculo. Com câmeras e outros equipamentos pendurados pelo corpo, como fazer as tomadas desejadas em cima de cavalos agitados, uma vez que desmontá-los na neve significa umidade e congelamento? A arte de aprender com as situações fez com que nos adaptássemos à situação. Logo, a agitação dos animais não era mais problema.

O problema maior se anunciava. Aquele cenário gigantesco, de um branco imaculado, trazia pegadas de guanacos, avestruzes e pumas. Eram um sinal que ia da cordilheira em direção ao vale. Marcavam uma fuga incontida diante de uma possível tormenta.

Naqueles lados, os cumes das montanhas condensam a umidade dos ventos do Pacífico e, assim, se acumulam barreiras de neve. Com esse fenômeno as terras baixas ficam condenadas à aridez implacável; o ar se transforma em areia e, este mesmo vento ao atravessar o deserto sopra mais forte convertendo a atmosfera em um grande forno. Este é o vento "Zonda".

O "Zonda", parente do "Simun Africano", enclausura o frio e a neve na cordilheira; durante oito meses do ano as temperaturas variam de 20 a 30 graus negativos e as nevascas depositam um colchão que pode alcançar mais de seis metros. Quando chegam os meses quentes, a neve derrete e se precipita em verdadeiros rios, reesculpindo as encostas e ressuscitando o pasto em alguns recôncavos das montanhas. São aí que vivem os guanacos.

O GUANACO

Ruminantes da família dos camélidos, um pouco mais esguios e menos felpudos do que sua irmã lhama, os guanacos migram em manadas em busca deste pasto fresco e apreciável. Existem desde a pré-história e sempre protagonizaram junto com os homens um enredo de perseguições e caçadas,umavez que sempre simbolizaram a principal fonte de recursos da região.

Em anos remotos, a caça aos guanacos seguramente representava verdadeiras sagas. Alcançá-los e cercá-los à pé e com armas precárias, como as estólicas, lançadores manuais de flechas por sistema de alavanca, certamente era uma tarefa que envolvia métodos ainda desconhecidos. Sim, porque os guanacos, hipersensíveis e capazes de perceber uma ameaça a quilômetros, e impressionantemente velozes, em poucos segundos desaparecem, subindo em desabalada correria por qualquer escarpa.

Primeiro são cinco e se laçam escarpas abaixo. As câmeras não tiveram nenhuma chance. Só os olhos registram. O galope é diferenciado, com tronco rígido, a cabeça erguida sustentada pelo pescoço bamboleante. Ao longe a imaginação sugere um ser híbrido, dividido entre uma mula e um cisne. Escaparam e se transformaram em muitos; quase nos atropelam. Por um instante estavam encurralados entre a parede da encosta e os cavaleiros; medo e respeito.

No momento seguinte, tudo começa outra vez; depois, a mais absoluta solidão. Ainda não sei ao certo o que aconteceu, mas a vida parecia outra. Os guanacos invadiram a atmosfera da caravana como animais em uma caçada. Parecia que apenas isso importava: cercá-los, caçá-los; nada sinalizava qualquer civilidade.

UM MERGULHO NO PASSADO

De onde estávamos, tínhamos uma visão dominante de todo o vale. À esquerda, o começo da cordilheira de Ansilta; ao meio, a imagem etérea dos guanacos desabalados a mais de 500 metros de nós; às nossas costas, uma parede de rocha maciça que se eleva verticalmente a partir de onde termina a inclinação: são pedras gigantescas. Seguindo o olhar, na borda da parede vejo uma inscrição geométrica e colorida, desenhada na rocha; logo abaixo, a entrada recuada da caverna.

A entrada está semi tapada por um amontoado de pedras que se estende até o interior. Na superfície, doze buracos de formatos e profundidades diferentes encravados na pedra: são "morteros" e "conanas". Existem restos de pinturas nas paredes; em alguns lugares estão enegrecidas pela fumaça de fogueiras. A seu lado, petrogíifos em abundância; guanacos são o motivo principal dos desenhos talhados nas pedras, aparecem só ou em rebanhos, imóveis ou correndo, erguidos ou relaxados. Provavelmente eram divinizados.

As pinturas parecem abstratas; no entanto, algumas surpreendem: mostram três esferas de tamanhos distintos que, aparentemente, têm braços e pernas e empunham objetos; parecem planetas com feições humanas. Algumas teorias as interpretam como sendo a representação do sol, da lua e de vênus em um dos raros momentos em que é possível vê-los juntos.

Pensando desta forma, as cavernas poderiam ser representações do mundo com seu céu particular, tal qual disse Mircea Eliade em seu "Tratado de História das Religiões": "as casas na mitologia primitiva tendem a ser reprodução do mundo em escala humana."

As cavernas não são muito grandes; o que realmente impressiona é o panorama que se tem de dentro para fora. O ângulo de visão permite vigiar uma área vastíssima, onde no inverno passam as manadas de guanacos; isto sabem os pumas, como o sabiam os antigos habitantes.

Junto às cavernas há um montinho de terra. Nele, ossos de animais, especialmente guanaco, vegetais comestíveis, pedaços de pontas de flechas; tudo retirado pelos arqueólogos que escavaram o local. Alí existiu um cemitério, mas também um refúgio e uma oficina onde se fabricaram pontas de flechas e vestimentas. Aí se pergunta: porque estes caçadores escolheram um lugar tão duro e isolado se podiam viver no vale mais abaixo? Este é o segredo de Los Morrillos.

Os guanacos, sempre eles, nunca chegam ao vale. No inverno, não descem ao deserto porque não encontrariam água nem pasto. Fogem da neve que os mataria, baixando até o limite. E, é justamente neste limite que está localizado Los Morrillos. Assim, seguindo a trilha dos guanacos, seus habitantes tinham como sobreviver no inverno com sua principal fonte de alimento à "porta de casa".

Com pasto e água o ano inteiro, Morrillos é pura sedução para os guanacos, até os dias de hoje. O mesmo guanaco que alimentou toda uma indústria paleolítica, fornecendo carne, tendões e ossos para a elaboração de facas, agulhas e outros instrumentos diversos, o couro com o qual se confeccionavam sandálias, e a lã que tecia ponchos e camisetas.

A visão que se tem das cavernas é a de que a paisagem não mudou nestes 8.500 anos. A humanidade passou deixando suas pegadas e, com elas, objetos que valem gestos e palavras; marcas de seres que, de alguma forma permanecem. Foram fogueiras infinitas, onde as conversas sem pressa são únicas através de milênios; é a mística que emerge do fundo de pequenas coisas que, vistacom os olhos do tempo, se transformam na própria eternidade.

Coisas simples: a cordilheira, os guanacos, a era paleolítica nos relatam dias de trabalho, paixão e medo. E,é à noite, quando todos os elementos e as épocas se reúnem entre o céu e as fogueiras, que invade um magnetismo hipnótico pelo silêncio gutural, deixando a sensação rara de termos penetrado em um diálogo sem idade.

Não posso deixar de recordar as múmias. Convivemos com elas na Universidade Nacional de San Juan, por vários dias. Elas nos rodeavam na grande sala, enquanto realizávamos o ensaio fotográfico. A pele se conservou junto com cabelos,adornos e roupas.

Aqueles corpos, ali expostos, tinham milhares de anos. Devido ao estado de conservação, não se vê o esqueleto; só pele e músculos ressecados, os rostos, as mãos. Distinguimos as mulheres jovens pelas longas tranças, os anciãos pelos cabelos grisalhos, os rescén-nascidos com cabecinhas cobertas por finos fios marrons e deitados em bandeja de palha com um cobertor de couro de guanaco. Os filhos, provavelmente haviam sido sacrificados ao nascer como forma de se estabelecer um controle de natalidade; isso é habitual nas culturas que atravessaram grandes períodos de fome.

Podíamos vê-los como seres humanos de carne e osso, muito além do tempo. Com certeza, nunca mais voltaremos a pensar na morte como antes. Com o trabalho cotidiano, as múmias se tornaram familiares; perdíamos assim o distanciamento que envolve a morte.

Aqui na caverna onde aqueles corpos mumificados foram encontrados eu me pergunto: que rituais aconteceram na noite do deserto? Os enterros, os desenhos e os estranhos adornos encontrados nas covas - de penas, sementes e pedras, o indício de morte violenta com golpes que marcaram a cabeça de algumas das múmias... Alí se realizaram sacrifícios?

Este é o maior mistério de suas mortes e que, todavia... se cala.

FIM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL
VITO D'ALESSIO

EXPEDIÇÕES E PESQUISAS

COMANDANTE DAS EXPEDIÇÕES
RAMON L. OSSA

ACOMPANHAMENTO MÉDICO
FRANCISCO PASCALICCHIO

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS
PROF. MARIANO GAMBIER

ANALISES ANTROPOLÓGICAS
DIEGO ESCOLAR

TRABALHO FOTOGRÁFICO
VITO D'ALESSIO

ASSESSORIA FOTOGRÁFICA
EDUARDO ALBARELLO

TRABALHO VIDEOGRÁFICO
EDUARDO DIAZ CANO

GRUPO BASE
SUNG MEI LING
PANCHO VILLARUEL
LOTI OSSA
ABELARDO RUBILAR
RAMON LUIZ JR.

PRODUTO FINAL

DESENVOLVIMENTO FOTOGRÁFICO
VITO D'ALESSIO

DESENVOLVIMENTO DE TEXTO
DIEGO ESCOLAR

DESENVOLVIMENTO VIDEOGRÁFICO
EDUARDO DIAZ CANO

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
RENATO DUTRA

ASSESSORIA DE IMPRENSA
EDIÇÃO DE TEXTO
IRAMAR GRECCO

PRODUÇÃO GRÁFICA
EMÍLIO PIPOLO

SUPORTE EM INFORMÁTICA
OSWALDO SOLLA
FÁBIO RENDELUCCI
JOSÉ ATÍLIO VANIN

ASSISTENTE
ALEXANDRE NOVELLI

TRADUÇÃO
FRANCISCO PASCALICCHIO
VITO D'ALESSIO
RENATO DUTRA

ASSESSORIA
RICARDO XAVIER
PETER MILKO
EDUARDO ALBARELLO

AGRADECIMENTOS

PROF. MARIANO GAMBIER
RENZO HERRERA
DR. MARIO BÉRARD
LILIA DIAZ
OMAR DUTRA JR.
SYLVIO ZANELATO FILHO
EQUIPE DA UNIV. DE SAN JUAN
MARIO LOPES GARCIA
CENTRO CULTURAL S. PAULO
MURPHY

O FOTÓGRAFO

RENATO DUTRA

"Mais do que qualquer trabalho que se possa realizar, o impulso fundamental que leva a uma iniciativa como a *Expedição Morrillos*, é a possibilidade humana de uma experiência singular aliada a uma viagem encantadora.

A cumplicidade de um grupo de pessoas dedicadas e apaixonadas pela vida, imprimiram a este projeto a personalidade de quem elege seu próprio caminho."

VITO D'ALESSIO, 28 anos, publicitário paulista , com uma trajetória marcada pelo fascínio das viagens.

FOTOGRAFIAS

01. CARAVANA CHEGANDO A MORRILLOS(CAPA)
02. PETROGRIFOS / GUANACOS
03. EXPEDIÇÃO CRUZANDO "RIO DE LOS PATOS"
04. LUAR ANDINO
05. BAQUEANO ABELARDO
06. PETROGRIFO NAS CAVERNAS
07. ARQUEOLOGIA POR TODOS OS LADOS
08. MÚMIA DE HOMEM COM ADORNO NO NARIZ
09. PÉS MASCULINOS
10. CALÇADO / SANGRADOR / TAPA SEXO / ACENDEDOR
11. PÉS FEMININOS
12. MÃOS FEMININAS
13. MULHER MUMIFICADA
14. HOMEM COM CESTA MORTUÁRIA
15. MORTEROS E CONANAS
16. UMA LONGA JORNADA
17. UM CAMINHO DIFÍCIL
18. MORRILLOS SOB A NEVE
19. QUASE UMA AQUARELA
20. PETROGRIFOS NAS CAVERNAS
21. LOS MORRILLOS
22. AS CAVERNAS DE DENTRO PARA FORA
23. CERRO ALCAZAR
24. LEITO DO "RIO FIERO"
25. FLUTUANDO NA NEVE
26. ENTARDECER
27. MAGIA DA CORDILHEIRA
28. RIO CONGELADO
29. UM DESERTO DE NEVE
30. TÍPICO BAQUEANO
31. PRÉ-CORDILHEIRA DO TONTAL
32. SOLIDÃO BAQUEANA

RAPOSA

pro color
Fotografia Profissional

PROFESSIONAL
IMAGING

Revista
HORIZONTE
GEOGRÁFICO

CABAÑAS
Doña Pipa

EUDMARCO

CHANDON
CHAMPANHA E VINHO

QUIMICA SUDAMERICANA S.A.

SÃO PAULO / BRASIL

- SETEMBRO DE 1994

Uma expedição pioneira que cruzou a cavalo, a região mais alta dos Andes argentinos, em busca dos sítios arqueológicos da cultura de Morrillos. Um projeto de integração Brasil e Argentina, que traz agora para São Paulo, uma exposição inédita, imagens e informações marcantes documentadas com técnica e sensibilidade, o que de uma forma ou de outra, diz respeito à nossa própria história.

CRESCENDO SÃO PAULO
PREFEITURA DE SÃO PAULO

APOIO CULTURAL DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - LEI 10.923/90

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA